

CONFIDÊNCIA

Senhor,
O carpinteiro
Trouxe a madeira pobre ao banco de talhar
E, manejando a enxó, o serrote e o formão,
5 Cortou-a sem piedade...
Ninguém lhe ouviu reclamação alguma.

Findos alguns instantes,
Era coluna simples.

Dentro de pouco tempo,
Ei-la peça lavrada,
Em caminhão bulhento,
E levada a servir nas construções dos homens,
Sem perguntar, sequer,
Pelo próprio destino:
Se devia brilhar no teto de um palácio
Ou pisada no chão de cabana esquecida...

Ajuda-me, Senhor,
A entender a lição dessa coluna humilde!...
Que eu saiba agradecer
A dor que me depura
E depois receber
A mercê de servir-te,
Quando e quanto quiseres,
Como e seja onde for...

(*) O poeta não se identificou perante a reunião em que a página foi psicografada.

5. Leia-se *pie-da-de*, com sinérese.

RETORNO

O pesadelo foge!... Eis que a vida me chama...
Triste recinto escuro asila-me por leito.
Ergo-me fatigado, além do espaço estreito,
E abandono, tremente, o cárcere de lama.

- 5 Há noite no caminho e noite no meu peito...
O vento no cipreste é minha dor que clama.
7 O nome, o lar, o apreço, o ouro, a glória, a fama,
Tudo, nas mãos da morte, era sonho desfeito.
9 Torno aos meus... Ai de mim! Em vão suplico em casa,
Ninguém escuta ou vê a aflicção que me arrasa,
Embora me desmande em rugidos de fera...

- Assim, por muito tempo, errei na sombra ignara,
13 A lembrar, por meu mal, o mal que praticara
Agravado na dor do bem que não fizera.

(*) O poeta, por claras razões de humildade, ao transmitir-nos as suas primeiras impressões da vida além-túmulo, não se identificou, perante nós outros, os que assistíamos à reunião íntima da noite de 6/9/61, na Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, Minas.

5. Cf. nota nº 7, pág. 42.
7. Cf. nota nº 4-11, pág. 58.
9. Cf. nota nº 1, pág. 44.
13. Cf. nota nº 2, pág. 36.